

custos efetivamente desembolsados em um ano agrícola e corresponde a todos os componentes de custos gerados pela relação entre os coeficientes técnicos (quantidade utilizada) e os seus preços. Nesses se enquadram as despesas administrativas e os custos financeiros do capital de giro. O COE representa os componentes de um ciclo produtivo, normalmente anual.

Segundo a metodologia, quando ao COE são somadas as depreciações de maquinários, implementos, benfeitorias, ou seja, o capital empregado no processo produtivo e, ainda, o Pro-Labore, tem-se o Custo Operacional Total. Esse resultado indica, portanto, a soma dos custos efetivamente desembolsados e dos custos

para reposição do capital produtivo, além da remuneração do responsável pelo gerenciamento da atividade.

Por fim, a metodologia traz uma totalização final dos custos, chamada Custo Total, que soma ao Custo Operacional Total o custo de oportunidade da terra e dos bens de capital, que se referem à remuneração que esse capital poderia obter em investimentos alternativos. Esse resultado indica a situação econômica do empreendimento, considerando todos os custos implícitos e explícitos, que indicam o valor total de receita necessária para cobrir todo o seu custo de produção. A partir daí, relacionando esses custos levantados com a receita das atividades, também levantadas, é possível calcular

uma série de indicadores econômicos.

Com isso, espera-se ter dados que permitam uma melhor análise do setor produtivo da ovinocultura e caprinocultura, considerando que a sustentabilidade da atividade tem como um dos principais pontos a viabilidade econômica, levando em consideração os diversos polos de produção.

Referência

MATSUNAGA, M.; BEMELMANS, P.F.; TOLEDO, P.E.N.; DULLEY, R.D.; OKAWA, H.; PEDROSO, I.A. Metodologia de custo de produção utilizada pelo IEA. Agricultura em São Paulo, v.23, p.123-139, 1976.

Cenários mundial e nacional da caprinocultura e da ovinocultura

Por Dr. Espedito Cezário Martins, Ms. Klinger Aragão Magalhães, Dr. Juan Diego Ferelli de Souza, Dr. Vinícius Pereira Guimarães, Ms. Caroline Malhado Pires Barbosa e Ms. Zenildo Ferreira Holanda Filho

1. CENÁRIO MUNDIAL

Em 2014, o rebanho mundial de caprinos era da ordem de 1,06 bilhão de cabeças (FAO, 2016). Os caprinos estão distribuídos por todos os continentes do planeta. No entanto, percebe-se uma maior concentração de caprinos nos países em desenvolvimento. Analisando-se a evolução do rebanho caprino mundial nos últimos 5 anos, observa-se uma taxa de crescimento anual da ordem de 1%, apontando para pequenas mudanças deste cenário em 2016. Já o rebanho mundial de ovinos era da ordem de 1,2 bilhão de cabeças, em 2014 (FAO, 2016), também distribuído em todos os continentes. Analisando-se a evolução da ovinocultura mundial, num período recente, observa-se que o padrão de crescimento é muito parecido com o crescimento do rebanho caprino, dado que o mesmo apresentou uma taxa de 1,5% de crescimento anual, nos últimos cinco anos. Isto posto, percebe-se que o cenário mundial para 2016 aponta para uma tendência de um pequeno crescimento, tanto para os ovinos quanto para os caprinos.

Observa-se uma menor concentração dos rebanhos ovinos, se comparado aos rebanhos caprinos. É notável, também, que entre os dez maiores rebanhos de ovinos estão países em desenvolvimento e países desenvolvidos. O Brasil concen-

tra o 22º rebanho mundial de caprinos e, o 18º maior rebanho de ovinos.

Em 2013, a produção mundial de carne caprina e ovina alcançou 5,4 e 8,6 milhões de toneladas, respectivamente. A análise da evolução da produção mundial de carne caprina num período recente mostra que o comportamento do mercado desta carne apresenta padrão de crescimento muito semelhante ao crescimento do rebanho caprino. Nos últimos cinco anos, a produção de carne caprina no mundo teve uma taxa de crescimento de 1,4% ao ano (ressalte-se que a taxa de crescimento do rebanho girou em torno de 1%). Portanto, assim como o rebanho, em 2016 prevalecerá uma tendência de baixo crescimento da produção mundial de carne caprina. Já a produção mundial de carne ovina num período recente mostra que o comportamento do mercado desta carne não apresenta o mesmo padrão de crescimento do rebanho ovino. Nos últimos cinco anos, a produção de carne ovina no mundo teve uma taxa de crescimento de 0,6% ao ano, inferior ao crescimento do rebanho que cresceu a taxas de 1,5% ao ano. Portanto, observa-se que o mercado mundial de carne ovina não acompanhou o crescimento do rebanho mundial. Tais números apontam que, em 2016, o crescimento do mercado de carne ovina vai ser menor do que o crescimento do rebanho (FAO, 2016).

2. CENÁRIO NACIONAL

Diante dos números oficiais mais recentes sobre os rebanhos, publicados pelo IBGE, interessa analisar a tendência apontada pela série de dados dos últimos anos, como no caso da discreta recuperação para o rebanho caprino em 2014, e uma recuperação mais robusta para o rebanho ovino, ambos comparados com 2012, quando houve uma inflexão em relação ao movimento anterior de queda.

O rebanho nacional de caprinos, em 2014, alcançou 8,85 milhões de cabeças, sendo 8,1 milhões de cabeças na região Nordeste, enquanto o rebanho ovino registrou, em 2014, o número de 17,6 milhões de cabeças no país, das quais 10,1 milhões estão no Nordeste e 5,1 milhões na região Sul. Em termos de tendência, nota-se uma diminuição do rebanho na série de 2005 a 2014, para o rebanho caprino, bem diferente do que se observa para o ovino. Essa nítida diferença de dinâmica reflete bem a realidade das duas cadeias.

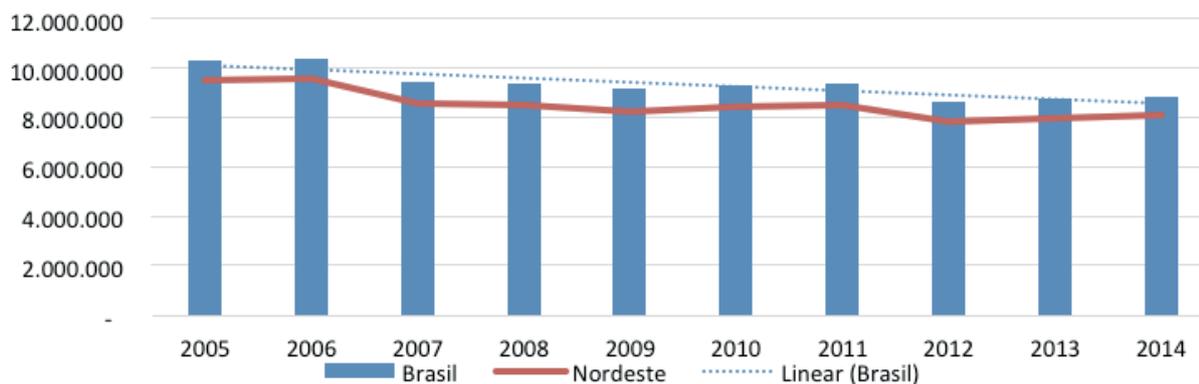
A primeira observação é que o rebanho caprino do Brasil é basicamente o efetivo do Nordeste somado a pequenas participações de outros estados, como pode ser visto no Gráfico 01. Quanto a essa evolução recente, números mais preci-

tos mostram uma recuperação de 2,4% no efetivo entre 2012 e 2014, porém, se o período da análise for mais extenso,

buscando os números de 2005, nota-se uma retração de 14%. Tal fato está intimamente relacionado à circunscrição re-

gional do rebanho que limita a dinâmica da atividade, mas também não se limita a isso.

Gráfico 01: Rebanho Caprino, Brasil, Nordeste e Tendência, 2005 e 2014



Fonte: IBGE (2015)

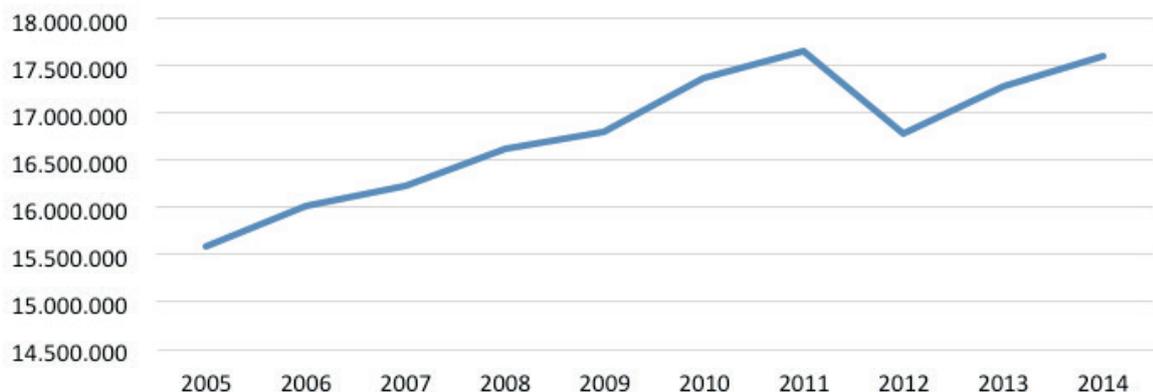
No Gráfico 2, percebe-se o comportamento do rebanho ovino que, por sua vez, demonstra o virtuosismo de sua cadeia produtiva que, além de menos concentrada, permeia com mais facilidade a preferência dos consumidores. Ainda assim, deve-se notar que a região Nordeste concentra 57,5% do rebanho e a região

Sul 29,3%.

No longo prazo, o aumento na produção e consumo dos produtos dessas cadeias é algo que deve ocorrer em função de alguns fatores, seja pelo crescimento natural da população e da renda, seja pela organização desses setores que consiga

expandir seu mercado, dado o seu potencial. Questões culturais precisam ser superadas, ao mesmo tempo em que os aspectos organizacionais precisam ser equacionados e nesses aspectos despontam fortemente a questão da formalização do abate e da inspeção sanitária dos produtos.

Gráfico 02: Rebanho Ovino, Brasil, 2005 e 2014



Fonte: IBGE (2015)

Assim, como em outras cadeias, isso não deverá ocorrer por força de lei, e sim pela percepção de que a organização do setor permite maiores ganhos, atraindo investidores de maior porte. Por outro lado, o pequeno produtor, inclusive familiar, deve ser colocado como elemento essencial no direcionamento estratégico, dado sua importância produtiva e social. Isso também está relacionado com um aspecto dicotômico das duas cadeias, dado que os principais mercados desses produtos têm duas frentes bem definidas, de um lado o consumo de caráter regional e tradicional, associados a produtos mais simples e de baixo valor agregado, de outro, o con-

sumo gourmet, em centros urbanos com maior renda média.

O mercado brasileiro é altamente consumidor de carnes caprinas e ovinas, tendo em vista o volume de importação que vem ocorrendo todos os anos. Essa situação já relatada anteriormente reforça a necessidade de ações conjuntas das instituições públicas e privadas buscando o aumento da sinergia de esforços no tocante a organização\coordenação da cadeia produtiva e aumento da eficiência dos sistemas produtivos e agroindustriais. Nesse sentido, a união de esforços poderá ampliar a capacidade dos produ-

tores brasileiros em atender a demanda interna e preencher uma lacuna de mercado que já existe há algum tempo.

Em uma análise de curto prazo, entretanto, as perspectivas não seguem uma tendência tão linear, pois está associada a fatores conjunturais mais imediatos, em que pesam principalmente questões como cenário econômico de curto e médio prazo e condições climáticas. Sob esse foco, ressalte-se o alto grau de incerteza ao se considerar tais variáveis, sejam elas climáticas, econômicas, ou políticas, as quais conferem um grau de risco que é inerente à atividade agropecuária, no

entanto, agravado por um momento especialmente instável e imprevisível no aspecto político, afetando diretamente a economia e os setores produtivos.

Deve-se, por isso, buscar cautela na condução dos investimentos e acompanhar responsabilmente todos os movimentos da economia, considerando que seja um cenário passageiro em que se farão os devidos ajustes. Cabe aos agentes produtivos encontrar alternativas, com redução de custos e busca de novos nichos de mercado, aliando empreendedorismo,

profissionalismo e inventividade. Nesse sentido, a iniciativa do Projeto Campo Futuro de fazer o levantamento de custos de produção da caprinocultura e ovinocultura, em várias regiões do país, é fundamental para se estabelecer bases mínimas dos sistemas produtivos e criar, simplificada, parâmetros econômicos para as duas atividades. A mesma metodologia sendo utilizada nos diversos estados permitirá criar informações padronizadas e necessárias para toda a cadeia produtiva na busca pelo aumento de eficiência e produtividade.

Referências

FAO. FAOSTAT Production live animals. Disponível em: <<http://faostat3.fao.org/download/Q/QA/E>>. Acesso em: 18 nov. 2016.

IBGE. Sistema IBGE de Recuperação Automática. Banco de Dados Agregados. Tabela 3939: Efetivo dos rebanhos, por tipo de rebanho. [Rio de Janeiro, 2012]. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?c=3939&z=t&o=24>>. Acesso em: 16 nov. 2015. 🌱

Efetivo de Rebanho Brasileiro de Ovinos (Em cabeças)

Brasil e UF	1974	1984	1994	2004	2014	Part.%
Rio Grande do Sul	12.490.066	10.992.870	9.711.917	3.826.650	4.223.266	24,0%
Bahia	1.870.543	2.582.119	2.710.831	2.988.569	2.815.438	16,0%
Ceará	1.133.676	1.133.113	1.333.385	1.852.448	2.229.327	12,7%
Pernambuco	462.961	497.408	493.769	943.068	1.924.342	10,9%
Piauí	919.048	980.406	1.223.370	1.486.298	1.210.967	6,9%
Rio Grande do Norte	239.107	248.049	260.749	489.862	860.037	4,9%
Paraná	216.059	261.925	597.616	488.142	650.231	3,7%
Mato Grosso do Sul	-	173.321	265.140	417.356	502.678	2,9%
Paraíba	368.293	355.219	263.829	408.671	442.533	2,5%
São Paulo	101.501	181.631	209.579	303.288	408.857	2,3%
Mato Grosso	191.928	27.912	92.056	275.873	307.948	1,7%
Santa Catarina	186.022	181.305	228.648	200.974	292.728	1,7%
Maranhão	175.061	185.272	177.802	212.412	239.618	1,4%
Pará	57.637	75.441	161.998	178.400	213.809	1,2%
Alagoas	86.998	123.409	118.742	191.895	211.728	1,2%
Minas Gerais	132.466	106.141	106.243	174.193	209.589	1,2%
Sergipe	92.182	142.720	162.615	139.064	192.809	1,1%
Goiás	56.029	89.044	94.350	146.338	156.005	0,9%
Tocantins	-	-	48.985	66.217	129.263	0,7%
Rondônia	6.070	9.394	52.101	76.589	114.825	0,7%
Acre	14.761	24.136	32.799	42.372	88.136	0,5%
Amazonas	26.201	16.704	29.067	64.308	54.606	0,3%
Espírito Santo	12.237	12.852	32.414	31.017	43.612	0,2%
Rio de Janeiro	11.261	16.270	24.539	35.195	42.773	0,2%
Roraima	21.546	25.960	-	-	31.721	0,2%
Distrito Federal	1.020	2.400	2.788	17.500	15.803	0,1%
Amapá	3.665	2.223	766	1.139	1.805	0,0%
Brasil	18.876.770	18.447.244	18.436.098	15.057.838	17.614.454	100,0%

Efetivo de Rebanho Brasileiro de Caprinos (Em cabeças)

Brasil e UF	1974	1984	1994	2004	2014	Part.%
Bahia	1.695.792	3.592.748	4.056.735	3.919.445	2.360.683	26,7%
Pernambuco	1.146.834	1.178.364	1.165.629	1.533.132	2.058.122	23,3%
Piauí	1.529.737	1.741.053	2.078.452	1.406.281	1.234.403	13,9%
Ceará	720.016	820.185	1.080.452	904.258	1.055.937	11,9%
Paraíba	338.029	508.230	402.732	680.742	507.589	5,7%
Rio Grande do Norte	153.457	216.753	245.098	428.278	438.690	5,0%
Maranhão	569.612	520.608	506.822	382.294	362.304	4,1%
Paraná	360.767	289.827	228.285	96.731	163.644	1,8%
Rio Grande do Sul	82.787	77.821	129.709	84.525	96.239	1,1%
Minas Gerais	107.143	145.693	173.352	116.580	92.200	1,0%
São Paulo	61.267	112.996	101.247	72.944	68.347	0,8%
Alagoas	68.235	59.107	62.354	61.900	68.297	0,8%
Pará	40.543	100.959	174.253	78.714	64.396	0,7%
Santa Catarina	83.281	66.977	70.981	38.199	49.629	0,6%
Mato Grosso do Sul	-	25.393	40.978	30.602	36.099	0,4%
Goiás	51.069	80.052	99.659	37.547	30.178	0,3%
Tocantins	-	-	52.509	24.631	25.455	0,3%
Sergipe	21.868	30.939	24.402	15.130	23.647	0,3%
Rio de Janeiro	18.026	41.737	47.675	30.527	23.407	0,3%
Mato Grosso	73.656	11.708	33.298	39.302	22.310	0,3%
Amazonas	7.860	6.346	14.833	14.660	18.709	0,2%
Espírito Santo	30.105	24.709	30.010	17.365	15.244	0,2%
Acre	1.665	2.982	6.025	7.021	14.904	0,2%
Rondônia	1.395	13.839	41.853	13.187	12.137	0,1%
Roraima	2.982	2.926	8.118	8.960	4.368	0,0%
Amapá	2.620	585	1.533	1.373	2.511	0,0%
Distrito Federal	1.300	2.100	2.292	2.560	2.430	0,0%
Brasil	7.170.629	9.674.637	10.879.286	10.046.888	8.851.879	100,0%

Fonte: IBGE Pesquisa Pecuária Municipal

Elaboração: CNA/ SUT/ Núcleo Econômico - Jul/16